

O Addiador: um conto inédito de Fernando Pessoa

Pablo Javier Pérez López*

Keywords

Fernando Pessoa, Addiador, Tales, Destiny, Art.

Abstract

The following documents aim to give to the public a previously unknown and unpublished short story by Fernando Pessoa: “O Addiador” [The postponer]. This short story contributes to the global vision of Pessoa’s fictional oeuvre. The text reveals the complexity and denseness of the theme in question, postponement, working it in the context of art and artistic activity.

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Addiador, Contos, Destino, Arte.

Resumo

Os documentos seguintes visam tornar público um conto inédito e inacabado de Fernando Pessoa, “O Addiador”, cujo conhecimento contribui a completar a visão de conjunto da obra de ficção de Pessoa. O texto revela a profundidade e a complexidade da temática em questão, o adiamento, tratada no âmbito de considerações sobre a arte e a actividade artística.

* ELAB. Universidade Nova de Lisboa.

O conto que se transcreve a seguir, intitulado presumivelmente “O Addiador”, parece datar de meados de 1920, se atendermos a dois factores: (1) o suporte dos documentos, dado que o texto se encontra escrito num papel com tonalidade rosada, ocorrência muito invulgar no espólio pessoano, uma vez que existem poucos documentos neste tipo de papel (por exemplo, os textos com as cotas 55H-8 e 55H-9, rascunhos dactiloscritos de 55H-10 e 55H-11, que parecem ser datados do mesmo período temporal; (2) a existência de um pequeno esboço conceptual do conto, na folha 48A-60, com o título já mencionado, “O Addiador”, seguido da caracterização de um segundo e hipotético conto, intitulado – de forma provisória? –, “O Major Bastos”.¹ Não possuímos, no entanto, elementos para uma datação exacta destas duas ficções, tendo em conta, nomeadamente, que “Na “Pharmácia de Evaristo” – onde surge o major Bastos, promovido a coronel por volta de 1925 – foi um projecto que acompanhou Pessoa desde 1914 e que continuou a ser escrito depois de 1925, a propósito da revolta militar de 18 de abril de 1925 (Freitas, 2008: 497).

A descrição presente no “Addiador” – “acrescimento sobre a arte como formula de addiamento, e sobre toda a actividade social superior como qualquer coisa parecida com isso” – deixa entrever já a temática sugestiva e profunda deste conto, que talvez possa ser considerado inacabado, mas que possui um corpus amplo que permite interpretações na senda da tentativa metafísica e meta-artística dos contos pessoanos, especialmente aqueles que se afastam do género policial e que parecem ter um conteúdo meta-literário e filosófico importante, fortemente aliado a uma poderosa crítica social. Uma prova a favor destes elementos é os contos recentemente publicados no volume *O Mendigo e Outros Contos* (2012). Alguns destes textos foram inicialmente concebidos por Pessoa como parte integrante dos *Contos para Metaphysicos* (cf. 144G-38^r e 39^r), e de certa forma nunca deixaram de ter uma índole reflexiva e filosófica, embora entrassem e saíssem de certas classificações genéricas, tais como “para Metaphysicos”.

“O Addiador” apresenta, especialmente em algumas passagens muito significativas, um conteúdo que lembra, por vezes, o “falso” estoicismo estético de Teive: “Educo na consciencia da complexidade de todos os actos humanos, na certeza do erro de qualquer gesto, na segurança da derrota de todas as victorias e de todos os conseguimentos. Se a maioria dos homens teem forçosamente que ser vencidos, porque não se educarão vencidos?” (Pessoa, 2007: 55). Como reflexão sobre a futilidade que sempre se alia ao fatalismo do agir humano e sobre a falência inextricável da obra artística, “O Addiador” parece oferecer chaves hermenêuticas para a compreensão da estética do conto pessoano, e não só. Veja-

¹ Agradeço muito a José Barreto e Ana Maria Freitas as informações fornecidas para o aperfeiçoamento deste texto. A transcrição foi revista por Jerónimo Pizarro.

se, por exemplo, a “Visão da taboleta” do Sr. Pantaleão, publicada neste número da revista *Pessoa Plural*.

[O Addiador]

[27²³-6^r]

Quando, por fim, cheguei á estação, verifiquei, pelo horario, que o comboio ainda demorava uma hora e um quarto; pela informação humana, que ainda tardava duas. Decidi, com a violencia do desespero, dar uma volta lenta pela villa. Se a volta fôsse rapida, teria que dar varias, e ainda o comboio tardaria.

Percorri, com uma lentidão impessoal, as ruas quasi vazias da aldeia crescida. Examinei, com interesse successivo, successivas cousas sem interesse. Ia a tornejar para uma estrada, já não rua, por onde se sahia da villa² para a extensão do campo, quando me bateu na consciencia de ver uma taboleta pequena, velha já, que se encontrava saliente de cima de uma porta fechada. A taboleta dizia, “Passos, Addiador”.

Parei. Li mais uma vez a taboleta. Li-a mais algumas vezes. Tentei extrahir um sentido vulgar e aceitavel do que havia escripto nella. Tentei outras cousas mentaes. Falhei em todas. O comboio tardava ainda quasi duas horas? Porque não saber o que isto era? Avancei para a porta e bati.

[27²³-7^r]

-2-

Um movimento arrastado de passos surgiu do horizonte interior da casa, aproximou-se por um corredor audível, raiou do outro lado da porta num som de chave que rodeia na fechadura. A chave acabou num tiro brando, um fecho rançoso roçou³ de onde estava, a porta começou a abrir-se. Nessa altura lembrei-me que não me tinha lembrado do que perguntasse. Puz um sorriso e esperei. Qualquer outro⁴, onde quer que fôsse, não esperaria melhor.

Quando a porta se abriu de vez, surgiu-me do espaço que se fez nella um vulto de velho, vestido, na exterioridade proxima, de um sobretudo antigo, com um bonnet de pala de viagem de quem não sahe de casa. O velho usava barba por aparar e tinha olhos vivos e tristes. Olhou para o espaço da porta aberta sem curiosidade, mas, depois, olhou com curiosidade para a minha ocupação d’esse espaço.

– O que deseja?, perguntou numa voz baixa, abstracta, desprendida de tudo salvo do facto necessario de ser voz.

– Nada, respondi. Quero dizer com isto que desejava saber o que quere dizer a palavra “addiador” que se encontra naquella taboleta. Apontei a taboleta com a naturalidade de quem aponta para o que não precisa ser apontado. Não havia outra taboleta alli, nem existia, supponho, a palavra “addiador”, como designação profissional,⁵ em qualquer taboleta humana⁶ que não fôsse aquella.

² <vida> villa

³ <sahiu> [↑ roçou]

⁴ <peessoa> outro

⁵ comodesignação profissional[,]

Pessoa Plural: 5 (P./Spring 2014)

[27²³-8^r]

-3-

O velho respondeu-me conforme perguntei. “Quere entrar?” disse.

Hesitei depois de entrar. Não me envergonhei do facto. Succede isto a muitos neste mundo⁷, em muitas coisas que não são casas de aldeia, e, com certeza, sob taboletas muito diferentes.

O velho fechou a porta, e, sem me dizer mais nada⁸, avançou, seguindo-o eu, pelo corredor da casa, que era longo, e collocado ao centro exacto d’ella, tanto quanto eu podia calcular. Chegou ao fim, que era tapado por uma parede com uma janella pequena e alta, de se não usar, e, abrindo uma porta que estava á direita⁹, fez-me, parando,¹⁰ signal que entrasse, precedendo-o. Entrei. Era uma casa de jantar, de moveis velhos e sem interesse. Na mesma larga, sem toalha nem panno, havia uma garrafa e um copo, que servira. O copo era alto, dos de agua. A garrafa era de vinho. O copo estava vazio, a garrafa quasi vazia. O velho indicou-me que me sentasse, levou a garrafa, e, ao passar por um aparador, tirou de lá outro copo, que poz na mesa. Sahiu do quarto, onde fiquei, sentando-me, sem pensar nem reparar. Em breve tempo¹¹ – segundos só – voltou com a garrafa cheia, ou, talvez, com outra garrafa, pois esta me pareceu mais verde no vidro claro de que era feita¹². Sentou-se numa cadeira defronte de mim. Encheu o meu copo e, depois, o d’elle. Bebeu¹³ um gole longo, indicou-me que fizesse o mesmo, e eu assim fiz. Depois, deposto o copo, perguntou-me:

– O que deseja saber sobre a palavra “addiador”?

– Propriamente nada, a não ser o que significa...

– Em outras palavras, propriamente tudo. Não se tratando de politica, o sentido das palavras é a principal significação d’ellas¹⁴.

– Isso então, se quizer.

– “Addiador”, respondeu o velho, é a minha profissão. Propriamente, eu devia tel-a explicado melhor: sou, especial e particularmente, um professor de addiamento.

Devem então ter passado por aqui muitos ministros? Affirmei, perguntando e sorrindo.¹⁵

– Não, respondeu sem sorrir,¹⁶ nunca passou algum. Os ministros, quando addiam, não addiam: atrazam. Bem vê, são homens de acção.¹⁷ Eu addio deveras¹⁸

⁶ taboleta [↓ humana]

⁷ Succede [← isto] a muitos neste mundo

⁸ semm e dizermais nada

⁹ é direita

¹⁰ fez-me, parando <que>

¹¹ tempo<s>

¹² de que <qera> era feita

¹³ <Entã> Bebeu

¹⁴ o principal sentido d’ellas (a principal significação d’ellas)] com duas variantes alternativas.

¹⁵ <perguntei> [↑ Affirmei, perguntando e sorrindo.]

Pessoa Plural: 5 (P./Spring 2014)

e ensino a addiar – a addiar simplesmente, a não-fazer com complexidade, a deixar para amanhã com nobreza.

[27²³-9^r]

-4-

“Educo na consciencia da complexidade de todos os actos humanos, na certeza do erro de qualquer gesto, na segurança da derrota de todas as victorias e de todos os conseguimentos. Se a maioria dos homens teem forçosamente que ser vencidos, porque não se educarão vencidos? Porque não educar a humanidade para não ser nada, se a maioria¹⁹ d’ella – que digo? se toda ella – nada tem que ser?²⁰

“Todos temos viveza, intelligencia, imaginação e energia em creanças; ou, pelo menos, temol-as a maioria de nós. Adolecemos para a perda d’estas faculdades todas²¹. Adultos, parece que as nunca tivemos. Quem é velho sabe isto muito bem. Ouvi dictos de espirito a pequenitos de cinco annos que os idiotas de quarenta, em que elles deram, não seriam capazes sequer de comprehender. Vi brilhar os olhos com a consciencia da belleza de uma historia, ou de uma coisa, a pequenitas de trez annos, que hoje, aos trinta, teem a substancia mental de um panno de casa²², ou a vibração intima de uma tijella com uma escova dentro.

“Em adolescentes, tambem, todos tivemos grandes sonhos, ou, ao menos, a maioria de todos. Amámos em imaginação mulheres impossiveis, mas amámol-as... Vencemos, em sonho, obstaculos invenciveis, mas vencemol-os... Quando iam sendo adultos, qualquer mulher nos servia... Quando ganhámos a estatura de homens, tudo era obstaculo para nós, e o maçador era já intransitavel...

“Porque não havemos de educar a humanidade para este seu constante destino?

– “Mas não são apenas os que falham que falham. Os que vencem falham todos tambem. Nuns a derrota está escripta na distancia entre o muito que obtiveram e o immenso que desejaram. Noutros a derrota está gravada na qualidade da coisa quasi conseguida²³, em comparação com a da coisa em que se havia posto o desejo. Enriquece o que preferira ser celebre. Chora o poderoso²⁴ os seus versos por fazer; e o poeta geme, sobre o seu melhor soneto, a carreira de

¹⁶ Não, [↑ respondeu sem sorrir,]

¹⁷ [↓ Bem vê, são homens de acção.]

¹⁸ Eu addio [↑ deveras]

¹⁹ <maoria> maioria

²⁰ [↑ – que digo? se toda ella –] nada ha de ser? [↓ nada é tem que ser?] *proposta de leitura conjectural*.

²¹ <coisas todas> faculdades todas

²² <teem a substancia mental> aos trinta, teem a substancia mental de um panno de casa

²³ da [→ coisa] quasi conseguida

²⁴ Chora, o poderoso<,>

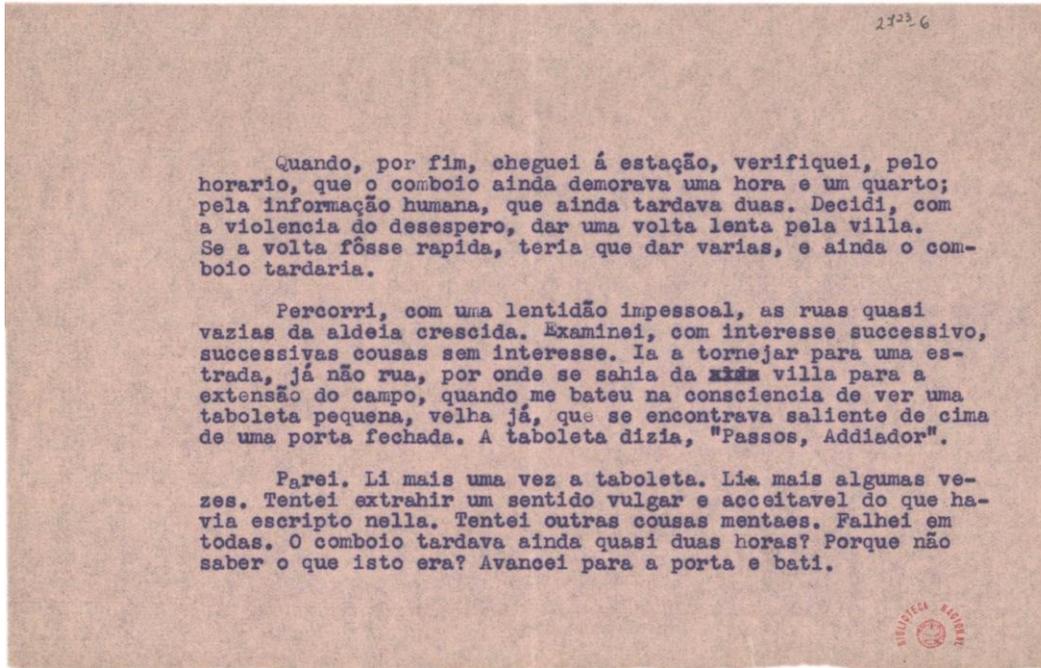
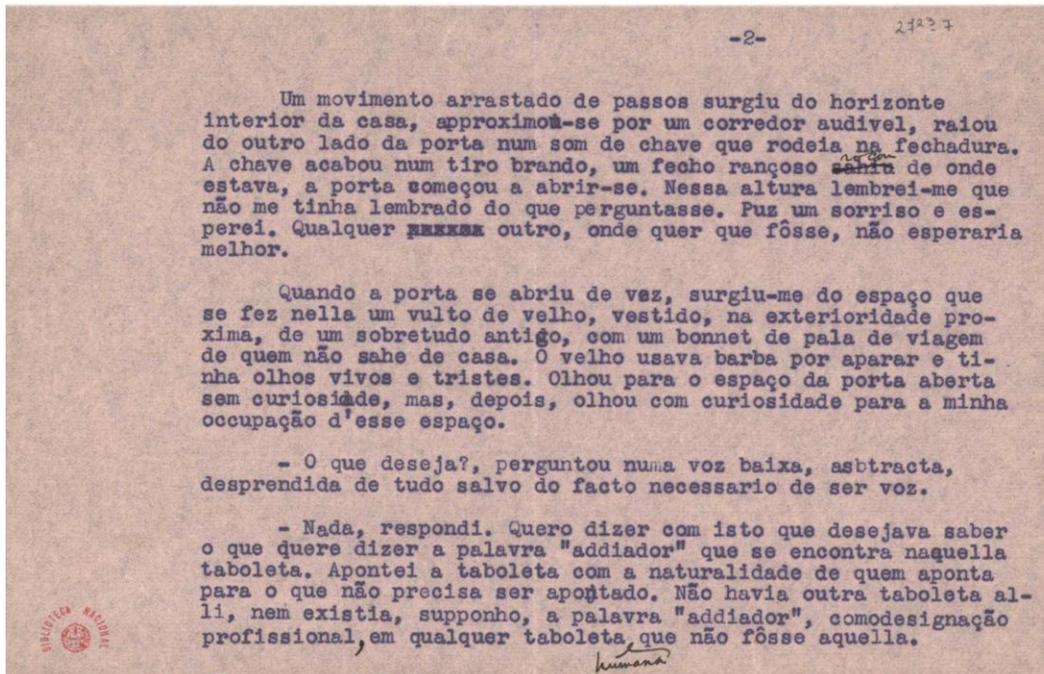
gloria militar cujo saber lhe animou outrora a alma²⁵ e até os próprios versos em que a mata.²⁶

– Mas falhar não é addiar ou □.

²⁵ <que lhe animou os sonhos,> [↓ cujo saber lhe animou outrora a alma]

²⁶ e [↓ até] os próprios versos em que o mata] *proposta de leitura conjectural* (“a mata” vs. “o mata”; também poderia ser “se mata”).

Anexos

Fig. 1. BNP/E3, 27²³-6^o.Fig. 2. BNP/E3, 27²³-7^o.

O velho respondeu-me conforme perguntei. "Quere entrar?" disse.

Hesitei depois dá entrar. Não me envergonhei do facto. Succedeja muitos neste mundo, em muitas coisas que não são casas de aldeia, e, com certeza, sob taboletas muito d'ifferentes.

O velho fechou a porta, e, sem e dizermais nada, avançou, seguindo-o eu, pelo corredor da casa, que era longo, e collocado ao centro exacto d'ella, tantoquanto eu podia calcular. Chegou ao fim, que era tapado por uma parede com uma janella pequena e alta, de se não usar, e, abrindo uma porta que estava é direita, fez-me, parando ~~me~~ signal que entrasse, precedendo-o. Entrei. Era uma casa de jantar, de moveis velhos e sem interesse. Na mesa larga, sem toalha nem panno, havia uma garrafa e um copo, queservira. O copo eraalto, dos de agua. A garrafa era de vinho. O copo estava vazio, a garrafa quasi vazia. O velho indicou-me que me sentasse, levou a garrafa, e, ao passar por um aparador, tirou de lá outro copo, que poz na mesa. Sahu do quarto, onde fiquei, sentando-me, sem pensar nem reparar. Em breve tempoz - segundos só - voltou com a garrafa cheia, ou, talvez, com outra garrafa, pois esta me pareceu mais verde no vidro claroce que ~~me~~ era feita. Sentou-se numa cadeira de-frente de mim. Encheu o meu copo e, depois, o d'elle. ~~Então~~ Bebeu um gole longo, indicou-me que fizesse o mesmo, e eu assim fiz. Depois, deposto o copo, perguntou-me:

- O que deseja saber sobre a palavra "addiador"?

- Propriamente nada, a não ser o que significa...

- Em outras palavras, propriamente tudo. Não se tratando de politica, o sentido das palavras é o principal sentido d'ellas (a principal significação d'ellas).

- Isso então, se quizer.

- "Addiador", respondeu o velho, é a minha profissão. Propriamente, eu devia tel-a explicado melhor: sou, especialmente particularmente, um professor de addiamento.

Apresenta perguntas
- Devem então ter passado por aqui muitos ministros?
perguntar, sommit.

apresenta o sommit
- Não, nunca passou algum. Os ministros, quando addiam, não addiam: atrazam. Eu addio, e ensino a addiar - a addiar simplesmente, a não-fazer com complexidade, a deixar para a-manhã com nobreza.



Fig. 3. BNP/E3, 27²³-8^t.

2429

/- que digo? sã^d toda ella -

"Educo na consciencia da complexidade de todos os actos humanos, na certeza do erro de qualquer gesto, na segurança da derrota de todas as victorias e de todos os conseguimentos. Se a maioria dos homens teem forçosamente que ser vencidos, porque não se educarão vencidos? Porque não educar a humanidade para não ser nada, se a ~~maioria~~ maioria d'ella/nada ha de ser?

"Todos temos viveza, intelligencia, imaginação e energia em creanças; ou, pelo menos, temol-as a maioria de nós. Adolecemos para a perda d'estas ~~faculdades~~ ^{faculdades} todas. Adultos, parece que as nunca tivemos. Quem é velho sabe isto muito bem. Ouvi dictos de espirito a pequenitos de cinco annos que os idiotas de quarenta, em que elles deram, não seriam capazes sequer de comprehender. Vi brilhar os olhos com a consciencia da belleza de uma historia, ou de uma coisa, a pequenitas de trezannos, que hoje, ~~aos trinta~~ ^{aos trinta}, teem a substancia mental de um panno de casa, ou a vibração intima de uma tijella com uma escova dentro.

"Em adolescentes, tambem, todos tivemos grandes sonhos, ou, ao menos, a maioria de todos. Amámos em imaginação mulheres impossiveis, mas amámol-as... Vencemos, em sonho, obstaculos invenciveis, mas vencemol-os... Quando iamós sendo adultos, qualquer mulher nos servia... Quando ganhámos a estatura de homens, tudo era obstaculo para nós, e o maçador era já intransitavel...

"Porque não havemos de educar a humanidade para este seu constante destino?

"Mas não são apenas os que falham que falham. Os que vencem falham todos tambem. Nuns a derrota está escripta na distancia entre o muito que obtiveram e o immenso que desejaram. Noutros a derrota está gravada na qualidade da quasi conseguida, em comparação com a da coisa em que se havia posto o desejo. Enriquece o que preferira ser celebre. Chora, o poderoso, os seus versos por fazer; e o poeta geme, sobre o seu melhor soneto, a carreira de gloria militar que lhe animou os sonhos, e os proprios versos... a pe
 Coisa
 o mata.

- mas fã... addiador -

BIBLIOTECA NACIONAL

Fig. 4. BNP/E3, 27²³-9^t.

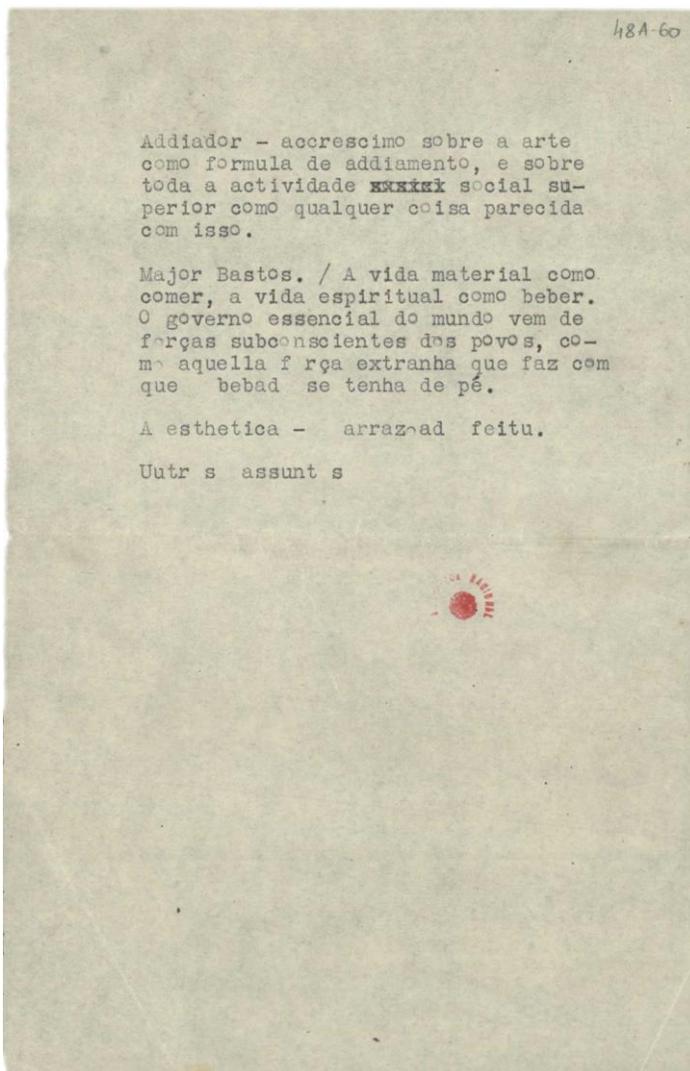


Fig. 5. BNP/E3, 48A-60r.

Addiador – acrescimo sobre a arte como formula de addiamento, e sobre toda a actividade social superior como qualquer coisa parecida com isso.

Major Bastos. / A vida material como comer, a vida espiritual como beber. O governo essencial do mundo vem de forças subconscientes dos povos, como aquella força estranha que faz com que o bebado se tenha de pé.

A esthetica – arrazoado feitu.

Outros assuntos

Bibliografia

- FREITAS, Ana Maria (2008). “Na Farmácia do Evaristo”, in *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo português*. Coordenação, Fernando Cabral Martins. Lisboa: Caminho, p. 497.
- PESSOA Fernando (2007). *A Educação do Stoico*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Edição Crítica de Fernando Pessoa, vol. 9.